

A CASA KABYLE OU O MUNDO ÀS AVESSAS: O OLHAR ESTRUTURAL DE BOURDIEU

Wyllamy Bomfim Andrade Santos*

Resumo: O presente artigo tem por finalidade apresentar uma noção a respeito do concebimento intelectual de Pierre Bourdieu a respeito da moradia do povo Kabyle. Para isso, toma emprestado o estruturalismo de Lévi-Strauss para dinamizar seu ensaio e englobar de forma sistemática sua contribuição teórica acerca do dado assunto. As concepções descritivas/comparativas postuladas pelo enfoque que a observação proporcionou a Bourdieu foram substancialmente importantes para que fosse redigido um trabalho etnológico metódico e, ao mesmo tempo, prezasse pela utilidade e necessidade técnica dos componentes presentes nas moradias berberes.

Palavras-chave: Análise homóloga; Estruturalismo; Lévi-Strauss, Moradias berberes.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo presentar una noción acerca de la conceptualización intelectual de Pierre Bourdieu a respecto de la vivienda del pueblo Kabyle. Para ello, toma prestado el estructuralismo de Lévi-Strauss para impulsar su ensayo e incluir su contribución teórica sobre el tema dado. Las concepciones descriptivas/comparativas postuladas por el enfoque que la observación proporcionó a Bourdieu fueran sustancialmente importantes para que fuese redactada una obra etnológica y metódica, y, al mismo tiempo, observase la utilidad y necesidad técnica de los componentes presentes en las casas bereberes.

Palabras clave: Análisis homóloga; Estructuralismo, Lévi-Strauss, Casas bereberes.

1 Introdução

O presente trabalho tem por objeto a apreciação das contribuições teóricas de Pierre Bourdieu acerca do concebimento comparativo de objetos no interior da Casa Kabyle e a análise da ordem de gênero na sociedade berbere para a maquinaria etnológica e, em especial, do ponto de vista do estruturalismo para a Antropologia. Tais contribuições não são imunes às críticas, mas todas adquirem seu valor na pesquisa em Ciências Sociais e é esse valor que busca ressaltar por meio do presente estudo. A pesquisa levará em conta publicações escritas pelo próprio Bourdieu e obras de estudiosos que se dedicaram a analisar a reflexão da “Casa Kabyle ou o Mundo às Aversas”, a exemplo de Paula Montero, à luz do sistema estruturalista de Claude Lévi-Strauss.

Os subsídios intelectuais de Bourdieu se inserem historicamente em fins do século XX e início do século XXI. Nesse período, entrava em cena uma corrente de pensamento das ciências sociais que visava construir uma teoria que organizasse as múltiplas relações em um todo sistêmico e altamente coeso, criando uma linguagem capaz de “codificar” abstratamente as tais infinitas relações, era o

* Graduando em Ciências Sociais (Bacharelado), na Universidade Federal de Sergipe.
Email: wyllamy_ufs@hotmail.com



estruturalismo. Desse modo, é oportuno explicitar a importância de tal corrente no modelo de análise feita pela apreciação bourdieusiana para a construção dos *Trois Études Kabyles* (Três Estudos Kabyles). Ao se tomar nota de tal escrito, à primeira vista poder-se-ia delineá-lo como registro meramente descritivo. Singela ilusão! O autor vai além desse panorama: engloba organização e orientação, fazendo com que haja um desprendimento do olhar mecânico de analisar a utilidade e necessidade dos objetos e seres que dialogam dentro do contexto social berbere.

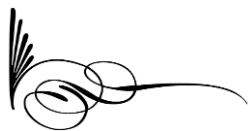
Partindo para uma decomposição mais complexa do todo para se chegar às partes constituintes do interior da casa Kabyle, Bourdieu toma de Lévi-Strauss a ideia de estrutura para a construção de sistemas (palavra-chave para o entendimento do propósito teórico do autor) que concebam relações diretas e altamente coerentes entre os componentes observados. Em outras palavras, o que é factível nessa abordagem é que tanto a construção física da casa quanto seus objetos tomam posição inversa a apenas ocupar lugar no espaço. Analisa, dessa forma, Paula Montero (1999, p. 141), ao afirmar que “cada elemento observado no espaço interior da casa, não está disposto ao acaso nem sua forma é gratuita: o sentido de sua posição e necessidade de sua forma está inscrita na relação que ele estabelece com todos os outros”. Desfeita a primeira impressão acerca da obra, cabe acomodar cada peça em seu devido lugar: como se dá a distribuição sócio-espacial da casa e como os pares de oposição ganham valor simbólico na construção da identidade berbere? As respostas para tais questionamentos surgirão no decorrer de tal artigo.

2 A perspectiva estruturalista em Bourdieu

Inicialmente, a busca pela explicação da disposição espacial dos utensílios segue um princípio lógico e racional que visa compreender no microcosmo organizado as suas relações de oposição que moldam, de certa forma, o contexto simbólico de toda a casa, o *principium divisionis*. Em outras palavras, constitui-se numa afinidade de divisão como operador lógico-natural de se pensar, assim como Durkheim e Lévi-Strauss, os sistemas mítico-rituais. Dessa forma, o ato de pensar está intrinsecamente relacionado à divisão e o estabelecimento de relações entre os elementos que foram disjuntos através da dependência complementar dos pares opostos. Assim, o *principium divisionis* estrutura o pensamento baseado na formulação algébrica canônica $a:b::b1:b2$, que representa uma análise estrutural profunda cujas as propriedades formais dos componentes são passíveis à comparação. O objetivo da adoção de tal fórmula por Bourdieu é uma tentativa de esquivar da antiga concepção etnológica: a descrição tradicional como tentativa de avançar em direção à ciência.

Depois de feita essa conceituação, partiremos à observação dos planos homólogos como tentativa de perceber na casa a intencionalidade cultural presente e, desse modo, analisar os elos correlativos que norteiam os seus elementos antitéticos. Torna-se, antes de tudo, imprescindível fazer uma intervenção: apesar de antagônicos, os materiais presentes não se estabelecem como meios hierárquicos e fixos, ou seja, os níveis de oposição jirau/estábulo; aldeia/cosmos; natureza/cultura podem sofrer alterações. Um elemento feminino em uma analogia contrária pode adquirir “conduta” masculina ao analisar suas oposições. Nesse prisma, as disparidades dos componentes permitem uma apreciação a novos elementos e não remetem, desse modo, condutas subalternas.



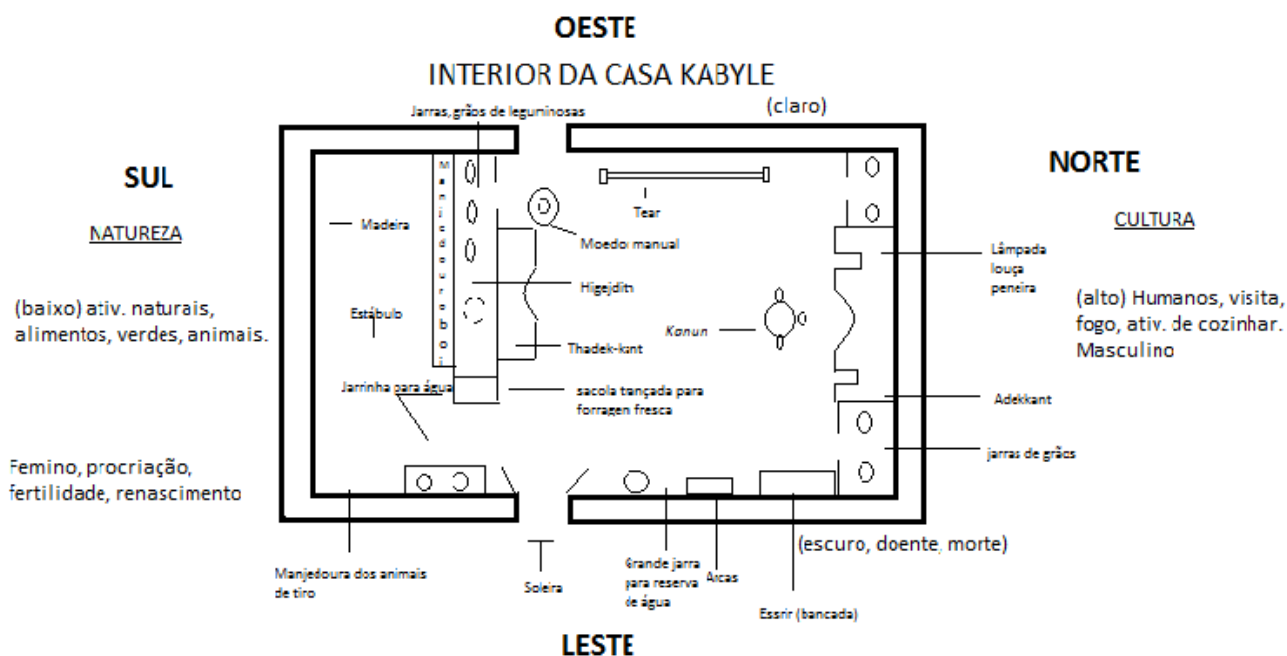


Além disso, a própria inversão espelhada do interior da casa com relação ao oriente externo, concorre para a manutenção da equivalência das oposições; se, como observa Bourdieu, a orientação benéfica para assegurar a fertilidade é a que vai do oeste para o leste, o único modo de garantir que os dois pólos da posição masculino/feminino contribuam para a vida é invertendo a posição os pontos cardeais dentro da casa. Assim, o homem sai da casa - para a vida agrícola -, olhando para o leste e a mulher entra na casa - para a vida do tear -, olhando também para o leste. (MONTERO, 1999, p. 143, grifos do autor)

Se não houvesse essa flexibilidade, o domínio feminino estaria beneficiando sua negação, o que seria obviamente um contrassenso e uma maldição social. Percebe-se, portanto, que forma e conteúdo se aproximam de maneira peculiar, fazendo que tenham a mesma natureza e passem a serem observadas e comparadas sem noções de subordinação.

2.1 Como Bourdieu vê a Casa Kabyle

A partir de suas concepções estruturalistas, Bourdieu defendeu uma postura que deveria pautar os discursos voltados para as conexões de cunho científico. Na Casa Kabyle, traçando-a num eixo horizontal, pode-se perceber dois grandes pólos temáticos substancialmente adversos, mas que dialogam entre si: de um lado o domínio natural, e do outro, o cultural. Observando a imagem abaixo, os pontos cardeais sul e norte ilustram, respectivamente, essa assertiva.



1. Representação do interior da Casa Kabyle



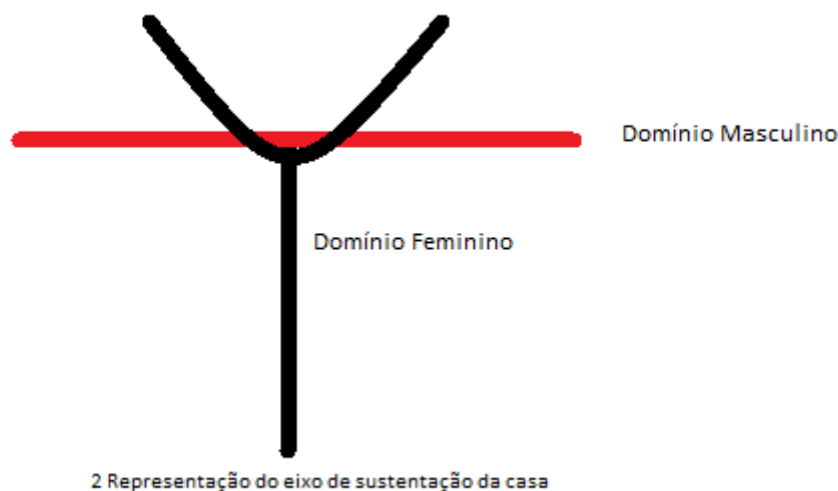
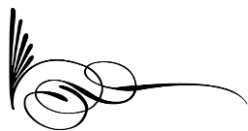
Pertencentes à esfera natural (organizadas no ponto sul), observa-se que na parte inferior e escura da casa encontram-se dispostos geograficamente os locais exclusivos dos objetos úmidos, crus ou verdes – lenha, jarras de água assentadas em cima dos bancos, forragens e ainda os seres naturais (bois, vacas, mulas). Ainda nesse setor, situam-se as atividades naturais – o vínculo sexual, o sono e o parto. Opõe-se, por conseguinte, da localização ao norte, onde apresenta a ordem cultural. Notamos aqui a parte alta, a área clara, o local destinado aos humanos (em especial as visitas) e principalmente o zoneamento masculino. Segundo Bourdieu, as relações de oposição se expressam através de todo um conjunto de indícios convergentes que lhes dão fundamento e, ao mesmo tempo, delas recebem seu sentido. Os pares de “contradição” entre os dois elementos dinamizam a escala dos princípios de utilidade e das necessidades das partes analisadas, construindo um saber íntegro e eficaz da realidade estrutural Kabyle.

Comentada a relação entre natureza versus cultura, faz-se necessário abordar um novo aspecto decisivo para a caracterização de mais uma parte da moradia: o tear. Aparentemente simples, localizado em plena luz, próximo do moedor manual de grãos e de frente para o fuzil – símbolo de honra viril (*ennif*) que protege a honra feminina (*horma*) -, o tear adquire uma proteção mágica ao receber o cordão umbilical da menina que é enterrado em sua frente. Local das atividades substancialmente culturais e simbolicamente visto como ícone de toda defesa, o tear é tido pelos homens como a relação simbólica que resume a vida do sexo feminino ao “transmitir” a proteção viril. Nesse aspecto:

Antes do casamento ela se situa atrás do tear, em sua sombra, debaixo de sua proteção, da mesma forma que está colocada debaixo da proteção de seu pai e seus irmãos; no dia do casamento ela está sentada na frente do tear, dando-lhe as costas, em plena luz; a seguir ela se sentará para tecer com as costas para o muro da luz, atrás do instrumento. “A vergonha, dizem, é a moça” e chamam o genro de o “véu das vergonhas”, o ponto de honra do homem sendo a “barreira” protetora da honra feminina. (BOURDIEU, 1999, p. 149, grifos do autor)

Analisando a casa, sob o plano vertical, destacam-se duas estruturas que se encontram no círculo central entre o domínio dos humanos e o domínio dos animais, o pilar. Este se ergue e dá sustentação à viga mestra que, em fusão com aquele garante toda a sustentação da moradia. Além disso, simbolicamente configurados, o pilar passa a representar a natureza feminina, enquanto a viga molda os laços masculinos. “A mulher é o alicerce, o homem a viga mestra”, diz o provérbio citado por Bourdieu. E de certa forma tem razão ao se ponderar a imagem ilustrativa das estruturas.





Abstrai-se a ideia de que o pilar bifurcado (feminino) dá sustentação à viga (masculino). Embora aparentemente demarcado por relações de hierarquia (um dá sustentação ao outro), tal suposição não se firma com coerência, uma vez que não se há consistências subordinativas na casa. O que se nota, na verdade, é um complexo aglomerado de conexões que se intercalam ao longo do tempo e moldam seus espaços.

Não há fundamento em se dizer que a mulher está presa à casa a menos que se observe, simultaneamente, que o homem é excluído dela, pelo menos durante o dia. Logo que o sol nasce, ele deve, no verão, permanecer no campo ou na casa de assembléia; no inverno, caso não esteja em seu campo, deve ir para a casa de assembléia ou ficar sentado nos bancos colocados debaixo do alpendre que cobre o portão de entrada do pátio. (BOURDIEU, 1999, p. 152, grifos do autor)

Próximos das ordens classificatórias de aproximação da realidade observada entre os povos estudados, podemos traçar um elo comparativo entre Bourdieu e Roberto DaMatta e afirmar que ambos se aproximaram em termos de análise voltadas ao estruturalismo. DaMatta, em *Uma Reconsideração da Morfologia Social Apinayé*, delinea o valor posicional de tal cultura, ministrando os domínios e eixos que norteiam a aparência tipo-física da aldeia. Do mesmo modo, Bourdieu o faz: “rouba” da corrente estruturalista a base e a conceituação metodológica para a construção de um todo inteligível por parte dos Kabyles. Dessa forma, munidos da complexidade estrutural que se firma em “unidades desprovidas de significação, mas que permitem produzir significações num sistema onde se opõem entre elas e pelo facto de se oporem” (LÉVI-STRAUSS, 1976, p.16, grifos do autor).

Assim, a casa se estabelece seguindo um conjunto de propósitos homólogos: “fogo : água :: cozido : cru :: alto : baixo :: luz : sombra :: dia : noite :: masculino : feminino :: nif : horma :: fecundante : fecundável :: cultura : natureza”. (BOURDIEU, 1999, p.151). Entretanto, os pares opostos existem entre a casa e o seu conjugado e todo o resto do universo. Vale ressaltar, nesse



contexto, que as composições da casa não se elevam de forma subalterna, mas é pertinente limitar sua maneira de pensá-la.

A casa é um império num império, mas que permanece sempre subordinado porque, mesmo quando ele apresenta todas as propriedades e todas as relações que definem o mundo arquetípico, permanece um mundo às avessas, um reflexo invertido. (BOURDIEU, 1999, p. 158, grifos do autor).

Igualmente pensado na formulação algébrica canônica em que o domínio feminino está para natureza assim como masculino está para cultura. Essas afinidades de contraposições revelam e explicitam-se ao longo de todo ensaio bourdieusiano para confirmar e dar ênfase ao pensamento estruturalista de Lévi-Strauss.

3 Considerações finais

Bourdieu enxergou com clareza a distinção dos pares opostos no interior da Casa Kabyle sem, contudo, querer separá-los totalmente. Ele propôs a existência do *principium divisionis* para que permitisse melhor analisar o seu objeto – as afinidades homólogas da sociedade berbere.

Para Bourdieu, o objeto antropológico seria, pois, a captação da relação de oposições interligadas à “maquinaria” estruturante. Com esse objeto, é certo que não se poderia utilizar uma metodologia rebuscada e que não captasse a essência das necessidades e utilidades técnicas do que foi observado. Para ele, não é possível explicar os antagonismos presentes na Casa Kabyle sem antes fazer uma minuciosa observação, comparando os eixos, objetos e os serem que nela habitam. Não se pode analisar, portanto, as partes separadamente; elas devem ser compreendidas a partir de seus nexos com as outras partes, para assim formar um todo inteligível e que passem a serem percebidas como um fato cheio de sentido, isto é, como algo que se relaciona com outros fatos e somente em função disso é que podem ser efetivamente compreendido.

E diante dos aspectos da obra bourdieusiana, aqui sinteticamente apresentados, torna-se possível afirmar a validade dos argumentos e dos problemas antropológicos, levantados por Bourdieu ao logo de sua trajetória intelectual, para a efetivação de análises sociais contemporâneas que estejam para além das simples constatações teóricas de que as estruturas impõem aos indefesos indivíduos, ou grupos sociais, modos de agir, ser, pensar sem que forma de conflito possa nessa relação ser instaurada.

Referências

BOURDIEU, Pierre. Casa kabyle ou o Mundo às Avessas. Trad. de Claude Papavero. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 8, 1999.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Anthropologie structurale deux**. Paris: Librairie Plon, 1973



_____. **Antropologia Estrutural I: A Estrutura dos Mitos.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

MONTERO, Paula. Apresentação: A casa Kabyle na perspectiva estruturalista de Pierre Bourdieu. Trad. de Claude Papavero. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 8, 1999.

